

A SEMÂNTICA COGNITIVA PROTOTÍPICA DE GEORGE LAKOFF

Heloisa Pedroso de Moraes Feltes
(UCS/RS)

LANÇAMENTOS DA EDIPUCRS Em co-edição com IEL/FAPERGS

APPEL, Myrna Bier, et alli (org.). **Caminhos para a Liberdade. A Revolução Francesa e a Inconfidência Mineira (as letras e as artes).** Porto Alegre: UFRGS/PUCRS/FAPERGS, 1991, 274p. Constitui-se num instrumento ímpar para a aquisição e a atualização de conhecimento e o desenvolvimento de uma reflexão acerca das produções, sobretudo literárias e artísticas, mas também ideológicas e filosóficas, bem como dos processos e das práticas que surgiram no bojo da formação da modernidade.

LOPES, Paulo Corrêa. **Obra Poética.** 2a. edição rev. Porto Alegre: IEL/FAPERGS, 1991, 194p. Bibliografia sobre a obra do autor e os seus dados biográficos.

MOREIRA, Alice Campos. **Obra poética Lobo da Costa.** Edição crítica. 1992, 294p. Consiste na tese de doutorado da autora que marca o centenário do falecimento de Francisco Lobo da Costa. A obra mostra não só a vibração do gênio espontâneo, como o artesão do poema dentro da matemática e modelos daquela época, e o amante de sua terra e de sua gente.

PEDIDOS DIRETAMENTE AO:

Instituto de Letras e Artes
Pós-Graduação em Letras
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 08
Caixa Postal 1429
90619-900 - PORTO ALEGRE - RS
Fone (051) 339.15.11 Ramal 3176

Introdução

A Semântica Cognitiva Prototípica de Lakoff é uma proposta ambiciosa que se apóia fortemente nos resultados da Psicologia Cognitiva Experimental dos anos 70, colocando-se em oposição radical aos modelos lógico-formais para a Semântica das línguas naturais.¹

Para se compreender globalmente a proposta de Semântica de Lakoff, é necessário fazer-se um percurso teórico, de certa forma acidentado, que tem três etapas básicas. Num primeiro momento, deve-se conhecer as linhas básicas da Lingüística Experiencial, um projeto epistemológico que significa, fundamentalmente, um rompimento com a Lingüística Gerativista Chomskiana e o estabelecimento de um novo paradigma para a Lingüística enquanto uma ciência cognitiva de caráter empírico. Num segundo momento, é imprescindível perfilar-se a Teoria Prototípica da Categorização desenvolvida por Eleanor Rosch no âmbito da Psicologia Cognitiva Experimental. A Teoria Prototípica é o ponto nodal de ligação entre a Psicologia Cognitiva e a Lingüística como pretendida por Lakoff. Isso porque o autor trata das questões semânticas tendo como ponto de partida o processo humano de categorização. Num terceiro momento, cabe apresentar-se a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, que representa o espaço interdisciplinar já constituído da Lingüística Cognitiva de base experiencialista. A Teoria dos Modelos Cognitivos é tanto uma resposta a questões teóricas levantadas no âmbito da Teoria Prototípica como a questões semânticas (e mesmo pragmáticas) que têm persistido como problemas anômalos em diferentes matrizes disciplinares assumidas pela Lingüística científica.² A Semântica Cognitiva Prototípica de Lakoff assenta-se, pois, sobre essa Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados que, embora programática, parece, como veremos, acenar com alguns "insights" interessantes para o estudo da significação das línguas naturais.

1 A proposta de Semântica Cognitiva de Lakoff é sintetizada na obra "Women, Fire, and Dangerous Things - What the Categories Reveal About the Mind", de 1987, a qual nos referiremos, algumas vezes, como "WF&DT".

2 Para LAKOFF (1987), a pragmática é uma "semântica da comunicação, e o mesmo aparato teórico é utilizado na descrição de ambos os domínios" (p. 583).

O projeto de Lakoff de construir uma semântica cognitiva ancora-se numa severa crítica ao paradigma gerativista. Essa crítica se fundamenta, em primeiro lugar, nas detalhadíssimas análises linguísticas levadas a cabo pelo autor em suas tentativas - frustradas - de construir uma semântica gerativista que mantivesse intacto o núcleo da proposta Chomskiana; em segundo lugar, fundamenta-se numa série de estudos sobre a categorização humana realizados em Psicologia Cognitiva Experimental, que passou a acompanhar e a assimilar criticamente. Desse modo, Lakoff, segundo ele afirma, foi sendo conduzido a um conjunto de conclusões que acabaram por distanciá-lo definitivamente das teses fundamentais do gerativismo chomskiano.

A nova posição assumida por Lakoff constitui aquilo que ele passou a chamar (não sistematicamente) de "Linguística Experiencial" (LAKOFF, 1977), que parte do princípio de que "uma teoria da linguagem deve ajustar-se a uma teoria geral da cognição, desenvolvimento humano e interação social" (1982: 145). LAKOFF (1982: 146) defende seis teses fundamentais que expressam a sua oposição à Linguística Gerativista (que ele também chama de "visão autônoma" da linguagem), quais sejam:

1. A faculdade linguística não é independente de outras faculdades.
2. As estruturas e processos da linguagem natural, no mínimo de alguma maneira, dependem de e seguem-se de estruturas e processos de várias capacidades humanas não linguísticas (como percepção, memória, capacidades sensorio-motoras, integração social, etc.)
3. A faculdade linguística faz uso de outras faculdades inatas, não sendo pacífico que haja setores dessa faculdade que sejam ao mesmo tempo inatas e específicas para a linguagem.
4. Diversos aspectos da estrutura linguística dependem de processamento cognitivo e uso.
5. As línguas naturais relacionam enunciados em discursos a significados em contexto, o que não torna necessário um conceito coerente de significado literal.
6. A estrutura linguística tem tanto aspectos holísticos como atômicos, o que quer dizer que:
 - 6.1 o significado do todo não é necessariamente função do significado das partes, podendo depender, por exemplo, de nossa percepção, de nosso conhecimento de mundo ou de nossa maneira de ver o mundo (pontos de vista, propósitos, etc.);
 - 6.2 não há necessidade de predicados atômicos, já que a análise semântica é um processo humano e, como tal, está sujeita a princípios de análise em termos gestalticos.

A visão experiencialista é, na verdade, mais do que uma nova abordagem para os fenômenos linguísticos: pretende ser uma epistemologia de base para o tratamento de questões gerais sobre a cognição humana, sobretudo daquelas relativas à capacidade de categorização, pois, conforme o autor, é através da categorização que a experiência se faz significativa para o indivíduo.

Naturalmente, a noção de experiência é, aqui, fundamental. Para Lakoff, a noção de experiência envolve a "totalidade da experiência humana e tudo o que desempenha um papel nela - a natureza dos nossos corpos, nossas capacidades geneticamente herdadas, nosso modo de funcionamento físico no mundo, nossa organização social, etc." (1987: 266). Como bem resume LAKOFF (1982):

*Depois de uma geração de pesquisa em que estava implicitamente estabelecido que a linguagem poderia ser descrita em seus próprios termos, tem-se tornado mais interessante perguntar quanto da estrutura da linguagem é determinada pelo fato de que as pessoas têm corpos com mecanismos perceptuais, memória, capacidades de processamento e limitações, pelo fato de que as pessoas têm de tentar fazer sentido do mundo usando recursos limitados, pelo fato de que as pessoas vivem em grupos sociais e têm de tentar comunicar-se umas com as outras. Parece-me que uma grande parte da estrutura da linguagem é determinada por tais fatores" (p. 155).

O experiencialismo encontra-se fundamentado filosoficamente no Realismo Interno de Putnam, do qual se diz uma versão (cfe. LAKOFF, 1987); daí também ser chamado de Realismo Experiencial.

O Realismo Interno é uma espécie de realismo epistêmico de fundamento kantiano e wittgensteiniano (de segunda fase) que se opõe ao que se tem chamado de realismo metafísico ou externalista. O realista metafísico sustenta que o mundo existe independentemente da mente humana e das teorias por ela geradas. Nesses termos, a verdade seria apenas uma questão de correspondência entre uma dada expressão linguística e um estado de coisas no mundo. Em oposição, o realista interno sustenta que os signos não correspondem intrinsecamente aos objetos independentemente dos esquemas conceituais dos usuários e do modo como eles os empregam numa dada comunidade. A noção de verdade que emerge dessa visão internalista é delineada a partir da relação de coerência entre as crenças individuais entre si e destas com as experiências do indivíduo numa dada comunidade (PUTNAM, 1981).

No Realismo Interno, assim como no Realismo Experiencial, há um comprometimento com a objetividade, na medida em que o uso das expressões linguísticas não é uma questão subjetiva do indivíduo, mas sim uma questão de práticas linguísticas definidas sócio-culturalmente. Há, ainda, o reconhecimento de que existe uma realidade, independentemente do modo como os seres humanos a entendem, e que a natureza dessa realidade impõe restrições sobre nossos sistemas conceituais. Essas e outras características

dessas formas de realismo constituem o que LAKOFF (1987) chama de "Realismo Básico".

Feitas essas considerações epistemológicas fundamentais, pode-se, enfim, perguntar-se: Em que consiste, afinal, o significado na visão experiencialista?

A resposta não pode ser apresentada de maneira condensada. No experiencialismo, o significado é definido em termos de corporalidade, "em termos de nossas capacidades biológicas coletivas e de nossas experiências físicas e sociais como seres funcionando em nosso ambiente" (LAKOFF, 1987: 267). Em outros termos, o significado é sempre uma questão de significatividade para organismos que têm corpos de um determinado tipo, que experienciam seu ambiente de certas maneiras altamente restringidas, que entendem suas experiências relativamente a seus propósitos e valores e que constroem um significado público compartilhado através de interações sociais complexas (JOHNSON, 1988).³

Conclui-se que o significado é o resultado de uma construção, de um processamento humano de natureza cognitiva e social.

Vejamos alguns detalhes dessa construção.

Para LAKOFF (1987), o significado é construído a partir de estruturas diretamente significativas, isto é, que emergem diretamente da experiência física (corporal). Tais estruturas não são primitivos pois têm natureza gestáltica. São elas: (a) as estruturas de nível básico e (b) as estruturas de imagens-esquemáticas cinestésicas (ou simplesmente esquemas de imagens).

As estruturas de nível básico dizem respeito a um nível intermediário de percepção gestáltica-para objetos, estados, ações, propriedades, etc. - considerado psicologicamente mais básico. Por exemplo, seriam categorias de nível básico: CADEIRA, FRUTA, FRIO, ANDAR, VERMELHO, COMER, este tipo de categoria foi amplamente estudado em Psicologia Cognitiva, principalmente por Eleanor Rosch e seus colaboradores, como veremos mais adiante, em maior detalhe.

As estruturas de imagens-esquemáticas cinestésicas, também de caráter gestáltico, são construídos baseados em experiências físicas recorrentes, as quais são esquematizadas como representações mentais. Por exemplo: experienciamos nosso corpo como um CONTAINER (ou RECIPIENTE),

com um INTERIOR, um EXTERIOR e uma FRONTEIRA. Esse tipo de estrutura tem a ver, portanto, com "aspectos do funcionamento [dos corpos] no espaço: orientação, movimento, balanço, julgamentos de forma, etc." (1987: 446). Como tais esquemas constituem uma parte importante da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, eles serão tratados com maior detalhamento mais adiante.⁴

Nesse ponto, importa salientar que essas estruturas diretamente significativas atuam, segundo Lakoff, na categorização de domínios físicos e não-físicos - ou abstratos. Todavia, enquanto os primeiros são mais objetivamente estruturados pela percepção, os segundos precisam fazer intervir os mecanismos imaginativos da razão - a metáfora e a metonímia. Ou seja, através da metáfora e da metonímia, enquanto espécies básicas de processamento cognitivo, as estruturas diretamente significativas seriam estendidas ou projetadas para o domínio abstrato, para que este possa ser, de algum modo, estruturado e compreendido. Assim, por exemplo, o esquema de imagem do tipo CONTAINER, já referido acima, oriundo da experiência física e diretamente significativo, é projetado metaforicamente para a estruturação do conceito MENTE, conforme se pode constatar nas seguintes sentenças, que, nitidamente, revelam a compreensão de MENTE a partir do esquema CONTAINER (ou RECIPIENTE).

- Minha mente está cheia de idéias.
- Não quero que esta idéia me escape.
- Ele tem a mente fechada, não se consegue colocar nada dentro dela!

Para o autor, portanto, é a capacidade de conceitualização (ou de categorização) que dá aos seres humanos o poder da razão abstrata. Para tanto, essa capacidade consistiria, basicamente, de três habilidades:

- Habilidade para formar estruturas simbólicas (nível básico e esquema de imagens) como estruturas diretamente significativas.
- Habilidade para projetar metaforicamente a partir de estruturas no domínio físico para estruturas em domínios abstratos, restringidas por correlações estruturais entre os domínios.
- Habilidade para formar conceitos complexos e categorias gerais, usando esquemas de imagens como mecanismos estruturantes.

4 De acordo com LAKOFF (1987), quando se fala de imagens mentais, o termo "imagens" não diz respeito apenas à imagens visuais, mas, também, a imagens auditivas, olfativas, de força, etc. Acontece que as pesquisas têm enfatizado mais as imagens visuais. Por outro lado, deve-se salientar que "os esquemas de imagens são cinestésicos por natureza, isto é, eles têm a ver com o sentido de localização espacial, movimento, forma, etc., independente de qualquer modalidade sensorial prática" (p.445). É preciso considerar um tipo de imagens a que o autor chama de "imagens convencionais ricas", que são inconscientes, não específicas, aparentemente livres de esforço, não restringidas pelo contexto e, sobretudo, não muito diferentes de pessoa para pessoa numa mesma cultura. Esse tipo de imagens seria também estruturado pelos esquemas de imagens de natureza cinestésica. O autor, entretanto, não se preocupa em sintetizar suas idéias sobre os diferentes tipos de imagens com os quais sua proposta semântica opera.

3 Mark Johnson desenvolve a idéia de corporalidade da razão humana em "The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason", 1987. Johnson é parceiro de Lakoff em outros trabalhos e com ele defende o experiencialismo.

Esta última habilidade diz respeito à capacidade geral de formar Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), estruturas complexas, de caráter gestáltico, que organizam nosso conhecimento geral do mundo, em domínios físicos e abstratos, tal como o experienciamos bio-sócio - culturalmente.

Conforme afirma LAKOFF (1987):

"O sistema conceitual humano é produto da experiência humana, e esta experiência vem através do corpo. Não há conexão direta entre a linguagem humana e o mundo como se ele existisse fora da experiência humana. A linguagem humana está baseada em conceitos humanos, que são, por seu turno, motivados pela experiência humana" (p. 206).

Como já afirmamos, segundo Lakoff, é através da categorização que a experiência se faz significativa para o indivíduo. Isso que dizer que Lakoff assimila a discussão sobre a natureza do significado àquela sobre a natureza dos conceitos e do processo de categorização.

O que é, então, para o autor, uma categoria? Lakoff opera com a noção de categoria que emerge das pesquisas empíricas de Eleanor Rosch (Heider) em Psicologia Cognitiva Experimental e que têm sido agrupadas sob o nome de Teoria Prototípica da Categorização. Tratemos, pois, de apresentá-la, resumidamente, aqui.

A Teoria Prototípica

Segundo ROSCH (1973, 1975) as pesquisas em antropologia, psicologia e lingüística, sem falar na tradição de estudos filosóficos, têm, em geral, tratado das categorias como sendo "aristotélicas" por natureza, caracterizando-as como entidades do tipo lógico, com fronteiras claramente definidas, cujos membros seriam todos instâncias equivalentes e não diferenciados entre si, na medida em que cada membro seria definido pela posse de um conjunto mínimo de traços necessários e suficientes.⁵

As pesquisas de Rosch e seus colaboradores procuraram demonstrar empiricamente que existem membros ou instâncias de categorias que possuem um 'status' especial dentro da categoria. Em outras palavras, os membros da categoria não seriam todos igualmente representativos dela, haveria assimetrias - ou efeitos prototípicos - entre eles, de tal modo que alguma

5 ROSCH iniciou suas pesquisas partindo dos achados de BERLIN & KAY (1969), em antropologia cognitiva, sobre os pontos focais dos termos de cores básicas. Os trabalhos iniciais de Rosch concentram-se sobre categorias perceptuais como cores, formas e linhas. Daí o fato de a noção de protótipo, como veremos, encontrar-se, inicialmente, ligada a questões como saliência perceptual, aspectos de memória, reconhecimento e generalização de estímulos.

instância seria tomada como o caso mais central, o exemplo mais representativo da categoria - o seu protótipo.

ROSCH (1973), a partir de uma série de experimentos, chega à conclusão de que a maioria das categorias perceptuais (cores, formas e linhas) e não perceptuais (como AVE, FRUTA, VEÍCULO, MOBÍLIA) são altamente estruturadas internamente e que não têm fronteiras claramente definidas. Conforme a autora:

"as categorias são compostas de um 'significado nuclear' que consiste dos 'casos mais claros' (melhores exemplos) da categoria, 'circundados' por outros membros de similaridade decrescente ao significado nuclear" (op. cit.: 112).

Assim, por exemplo, AVE seria uma categoria estruturada de tal maneira que SABIÁ seria um dos membros mais centrais e AVESTRUZ um dos mais periféricos.

ROSCH & MERVIS (1975) avançando um pouco mais, investigam "um dos maiores princípios estruturais que (...) podem governar a formação da estrutura prototípica da estrutura das categorias semânticas" (p. 574): as semelhanças de família.⁶ A operacionalização da noção é feita através da "cue validity", que permite verificar a relação que existe entre as semelhanças de família no interior de uma categoria (ou entre categorias) e a prototipicidade de determinados membros. Conforme as autoras:

"Na presente pesquisa, vimos as categorias semânticas como rede de atributos sobrepostos; a hipótese básica foi a de que os membros de uma categoria vêm a ser vistos como prototípicos de uma categoria como um todo na proporção do grau em que eles têm semelhanças de família com (têm atributos que se sobrepõem a) outros membros da categoria. Conversamente, elementos vistos como os mais prototípicos de uma categoria serão aqueles com a menor semelhança de família ou pertença em outras categorias" (p. 575).

ROSCH & MERVIS (1975) também fazem importantes investigações sobre as categorias de nível básico, a que nos referimos anteriormente. Trata-se de "um nível básico de abstração em que objetos concretos do mundo são mais naturalmente divididos em categorias" (p. 586). Vejamos alguns exemplos:

6 A noção de "semelhanças de família" é vista tanto por Rosch como por Lakoff nos termos de Wittgenstein, a partir de sua análise da categoria JOGO em suas "Investigações Filosóficas". Trata-se da idéia de que uma categoria não necessariamente se define em termos de um conjunto de condições necessárias e suficientes ou de um conjunto de propriedades essenciais. Os membros de uma dada categoria podem encontrar-se relacionados através de complexas relações "semelhanças de família", de relações de sobreposição em diferentes níveis. Segundo Wittgenstein, a categoria JOGO seria uma categoria de contornos esfumados. Lakoff traduz essa característica em termos de "fronteiras expandíveis".

NÍVEL SUPERORDENADO	NÍVEL BÁSICO	NÍVEL SUBORDINADO
FRUTA	LARANJA	LARANJA NATAL
VEÍCULO	CARRO	CARRO ESPORTE
INSTRUMENTO MUSICAL	PIANO	PIANO DE CAUDA
MOBÍLIA	CADEIRA	CADEIRA DE BALANÇO

Quadro 1 - Categorias de Nível Básico.

Neste nível, as categorias apresentam certas características marcantes. É, por exemplo, o nível mais inclusivo da categoria em que pode haver muitos atributos comuns a todos ou à maioria dos membros da categoria (tem a "cue validity" maximizada) (ROSCH & MERVIS, 1985); é o nível mais inclusivo da categoria em que as formas dos objetos são parecidos e, conseqüentemente, mais facilmente reconhecidos; é, também, o nível privilegiado no desenvolvimento lingüístico: o primeiro a ser nomeado e aprendido (ROSCH ET ALII, 1976); é, e isto é fundamental aqui, o único nível em que a pertença a uma categoria pode ser determinada por uma percepção gestáltica global, sem uma análise em atributos (HUNN, 1975, apud MERVIS & ROSCH, 1981).

O caráter gestáltico deste nível de abstração garante-lhe o 'status' de estrutura diretamente significativa na visão experiencialista de semântica. Sobre sua não assimilação à noção de primitivo, MERVIS & ROSCH (1981) assecuram:

- O uso do conceito de protótipo e os fatos sobre graus de representatividade dos membros de uma categoria sugerem um processamento holístico, antes que por decomposição em traços.
- Um "nível dado de abstração pode ser um nível básico e (potencialmente) holisticamente percebido, mesmo se outros níveis requieram mais mecanismos analíticos" (p. 105).
- Alguns princípios de decomposição são, de fato, necessários, mas a decomposição depende do nível em consideração e, assim sendo, a evidência de processamento holístico em algum nível ou estágio sugere uma maior reflexão sobre os modelos decomposicionais.

A questão é, portanto, que a natureza das categorias e de seus atributos depende da interação entre o sujeito-conhecedor e a realidade. É na base dessa interação que o sujeito vê algumas estruturas como mais básicas do que outras. De um ponto de vista empírico, a postulação de primitivos conceituais é algo arbitrário, isto é, não é motivado pela natureza do processamento cognitivo dos seres humanos. Da mesma forma, ROSCH ET ALII (1976) sustentam que o que constitui uma estrutura básica (uma categoria básica) para um indivíduo cultura ou subcultura é o resultado de "uma interação entre a estrutura potencial fornecida pelo mundo, a ênfase particular e o estado de conhecimento do povo que está categorizando" (p. 430).

Os estudos de Rosch e de seus colaboradores levam-nos muito mais longe, fornecendo-nos uma ampla variedade de conceitos que não podemos tratar aqui, dado os limites deste artigo.

O que cabe salientar é a corroboração empírica da hipótese da prototypicalidade das categorias. LAKOFF (1987) vê nos estudos que constituem a Teoria Prototípica uma evolução em três fases. Na fase I (até o início dos anos 70), os protótipos são definidos em termos de sua saliência perceptual, pela sua maior memorabilidade e pelo fato de favorecerem a generalização de um estímulo para outro que lhe fosse fisicamente similar. Na fase II (até a metade da década de 70, aproximadamente), Rosch, sustenta que os efeitos prototípicos revelariam a estrutura da categoria, tal como estaria representada na mente, e, mesmo, que os protótipos seriam representações mentais. Em outras palavras, os efeitos prototípicos, nesta fase, estariam sendo interpretados como revelando, diretamente, algo sobre a natureza da categorização humana. Na fase III, segundo Lakoff, Rosch dá-se conta de que a prototypicalidade teria "fontes" que não poderiam ser determinadas a partir dos fatos observados. Essa última conclusão é assumida por Lakoff, que também considera os efeitos prototípicos como fenômenos superficiais. Para ele, os efeitos prototípicos resultam do fato de que o conhecimento está organizado de uma determinada maneira, em termos de modelos cognitivos de variados tipos. Tais modelos seriam as fontes dos efeitos prototípicos verificados na categorização. Conforme afirma:

*Nossa tese básica será a de que os efeitos prototípicos resultam da natureza dos modelos cognitivos, que podem ser vistos como 'teorias' sobre alguma matéria" (1987: 45).

Desse modo, a questão do significado das expressões lingüísticas se já vinculada à natureza da categorização humana, que, por sua vez, é entendida, empiricamente, a partir da ótica da prototypicalidade, passa a depender de uma teoria dos modelos cognitivos, os quais são as fontes dos efeitos prototípicos. Como Lakoff constrói esta teoria e quais os tipos de modelos cognitivos básicos é o que veremos agora. A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados é o cerne da Semântica Cognitiva Prototípica de Lakoff.

A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)

Um modelo cognitivo, como já dissemos anteriormente, é uma estrutura conceitual complexa, de caráter experiencial, que organiza nosso conhecimento geral do mundo. Não são, entretanto, representações internas da realidade externa. Isso porque são construtos que resultam da interação do indivíduo com seu meio ambiente, via corporalidade e, também, porque,

muito freqüentemente, são construídos com apelo aos mecanismos imaginativos da razão - a metáfora e a metonímia (LAKOFF, 1987).

Tais modelos são idealizados, na medida em que são estruturas construídas a partir de uma seleção de estímulos, determinada por razões múltiplas - crenças, valores, propósitos, pontos de vista, estado de conhecimento da comunidade, etc. - que acarreta uma simplificação na estrutura conceitual que está sendo formada no processo de categorização. Esse caráter idealizado dos MCIs tem duas conseqüências: (a) permite que nem sempre os modelos se ajustem ao mundo com perfeição e (b) pode fazer com que os modelos forneçam maneiras contraditórias (ou incompatíveis) de entender um mesmo domínio da experiência (*idem*).

Lakoff afirma que são quatro as fontes de sua Teoria dos Modelos Cognitivos:

- a Semântica de Frame de Fillmore;
- a Teoria da Metáfora e Metonímia de Lakoff & Johnson;
- a Gramática Cognitiva de Langacker e
- a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier.

A Teoria dos Modelos Cognitivos congrega, pois, basicamente, idéias dessas quatro fontes, todas elas situadas no domínio da lingüística cognitiva. Assim, é preciso que nos detenhamos um pouco em cada uma delas, para que se possa compreender-lhes tanto a natureza quanto os comprometimentos teóricos.

A noção de 'frame' de Fillmore está bastante próxima do que Lakoff entende por MCIs (cfe. LAKOFF, 1987). Um 'frame' seria uma estrutura conceitual de formato proposicional, culturalmente definida que atuaria na organização de inúmeros segmentos da realidade. Por exemplo, conforme FILLMORE (1982), a categoria SOLTEIRO "é definida em termos de um conjunto de condições, mas os melhores exemplos são aqueles que estão situados num cenário de 'background' prototípico" (p. 34). Em outras palavras e especificando, a categoria SOLTEIRO é definida tomando-se como condições de "background" uma sociedade humana em que há certas expectativas sobre casamentos e sobre uma faixa de idade própria para casar. Desse modo, João Paulo II, o atual Papa, não seria adequadamente descrito como um solteiro típico, dado que sobre ele a sociedade não deposita a expectativa do casamento. Da mesma forma, pessoas que há muitos anos vivem juntas, sem, entretanto, estarem casadas, não seriam exemplos típicos da categoria SOLTEIRO. Fillmore assume, naturalmente, a Teoria Prototípica.

Na Semântica de 'frame' de Fillmore, seriam os 'frames' que motivariam (ou mesmo determinariam) o modo como certos itens lexicais são empregados e compreendidos numa dada comunidade.

A Teoria da Metáfora e da Metonímia foi desenvolvida por LAKOFF & JOHNSON (1980). A tese básica da teoria é que tanto a metáfora como a metonímia constituem mecanismos imaginativos da razão humana que estruturam domínios abstratos de nossa experiência. LAKOFF (1987) afirma que as estruturas metafóricas e metonímicas "transformam esquemas gerais

definidos pela nossa experiência animal em formas de raciocínio" (p. 368). Isso se dá via projeção (ou mapeamento) metafórico/metonímico.

Conforme já mencionamos, a propósito dos esquemas de imagens, utiliza-se um domínio da experiência mais objetivamente definido para estruturar e compreender um outro domínio da experiência que não é tão bem definido, como é o caso do domínio conceitual abstrato. Segundo os autores, ordinariamente fazemos uso, em grande parte inconsciente, de complexos conceituais metafóricos que, ao mesmo tempo que têm sua base na experiência bio-sócio-cultural do indivíduo, orientam seu raciocínio (julgamentos, inferências, etc.) e seu agir social. Esses complexos conceituais constituiriam modelos cognitivos, considerando que, do seu modo, organizam e estruturam a experiência humana. As chamadas "teorias populares" ou teorias do senso comum estão impregnadas de complexos metafóricos.

LAKOFF & JOHNSON (1980), por exemplo, analisam a metáfora "TEMPO É DINHEIRO". Aqui, o conceito DINHEIRO estrutura o conceito mais abstrato TEMPO de tal modo que, no dia-a-dia, TEMPO passa a ser entendido em termos de DINHEIRO, resultando que: "perde-se tempo", "ganha-se tempo", "economiza-se tempo", "gasta-se tempo" e assim por diante.

Uma outra contribuição à Teoria dos Modelos Cognitivos é dada pela Gramática Cognitiva de Langacker (1986). Trata-se de uma gramática simbólica, pela qual se entende uma gramática que consiste da simbolização convencional da estrutura semântica. Pode-se afirmar que é uma gramática a serviço da significação. O simples fato de que a sintaxe, aqui, não constitui um "componente" de base, autônomo, já justifica a ligação de Lakoff com a proposta de Langacker. Para este, a gramática possui três níveis básicos de estrutura: (a) um nível semântico, (b) um nível fonológico e (c) um nível simbólico. Na verdade, trata-se de uma estrutura bipolar "consistindo de um pólo semântico, um pólo fonológico e a associação entre eles" (p. 76) através do nível simbólico. Nesse modelo de gramática, a questão fundamental é, pois, a natureza do significado, que também é equacionada no processo de categorização e com a utilização de esquemas de imagens de tipos variados. Da mesma forma que Lakoff, Langacker utiliza os resultados empíricos da Teoria Prototípica. Para este último, "uma descrição exaustiva da língua não pode ser alcançada sem uma completa descrição da cognição humana" (1986: 63). Isso se conforma com a afirmação de Lakoff de que "A gramática de uma língua é um subsistema cognitivo" (1987: 533).

Temos, finalmente, a ligação da Teoria dos Modelos Cognitivos com a Teoria dos Espaços Mentais de FAUCONNIER (1985). A Teoria dos Espaços Mentais diz respeito ao papel de fatores cognitivos, como princípios de organização do conhecimento e estratégias de processamento, para a interpretação semântica das expressões lingüísticas em linguagem natural. Os espaços mentais são domínios conceituais que estruturam vários tipos de informações: imagens, representações pictoriais, fotografias, jogos, esportes, campos científicos, obras literárias, sistemas hipotéticos, entre outros. A ligação entre diferentes domínios, de mesma natureza ou de natureza diversa, é feita através de conectores pragmáticos. Por exemplo, quando dizemos;

num contexto hospitalar: "A apendicite suporada é Carlos Alves", utilizamos o conector DOENÇA (pela expressão "apendicite suporada") para identificar o PACIENTE ("Carlos Alves") no contexto específico de um hospital. Assim, "apendicite", que representa o objeto 'a', e "Carlos alves", que representa o objeto 'b', estão ligados por uma função pragmática $F(b = F(a))$, em que uma descrição de 'a'. DOENÇA, pode ser usada para identificar sua contraparte 'b', PACIENTE. Esse exemplo descreve o Princípio de identidade, o princípio básico da Teoria dos Espaços Mentais, ao mesmo tempo que mostra como a metonímia atua na criação de espaços mentais. Para Lakoff, o que conceitualizamos está representado por espaços mentais, havendo ligações entre diferentes domínios através de conectores. Parece-nos evidente que este é o processo que está na base das projeções metafóricas e metonímicas como descritas por Lakoff.⁷

O modo como cada um destes estudos contribui para a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados será evidenciada a seguir, ao tratarmos dos tipos básicos de modelos com os quais nosso aparato cognitivo opera e que, como já afirmamos, constituem as fontes de efeitos prototípicos observados na categorização.

Tipos de Modelos Cognitivos

Cada um dos modelos que apresentaremos contribui de um modo específico para a estruturação de diferentes domínios cognitivos e, consequentemente, para a significatividade das expressões linguísticas que a eles remetem, seja no plano puramente conceitual seja no plano simbólico das construções gramaticais.

Lakoff (1987) destaca quatro tipos de modelos cognitivos: os de esquema de imagens, os proposicionais, os metonímicos, os metafóricos e os simbólicos. Vejamos cada um deles em seu formato geral.

Modelos cognitivos de esquema de imagens

São características destes modelos cognitivos:

- Têm natureza corporal-cinestésica.
- Impõem uma estrutura a nossa experiência de espaço.
- São projetados para domínios conceituais abstratos através de metáfora e metonímia.
- Estruturam modelos cognitivos complexos.

⁷ A Teoria dos Espaços Mentais é uma proposta baseada no estudo de NUNBERG (1978) sobre a pragmática da referência. A partir dele, Fauconnier afirma que "estabelecemos ligações entre objetos de natureza diferente por razões psicológicas, culturais ou localmente pragmáticas, e que as ligações, após estabelecidas, permitem a referência a um objeto em termos de outro apropriadamente ligado a ele" (1985: 3).

Alguns esquemas de imagens estão sendo estudados com mais atenção: CONTAINER, PARTE-TODO, LIGAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, ORIGEM-PERCURSO-META ("source-path-goal"), PARA CIMA-PARA BAIXO. Essas estruturas são vistas como modelos cognitivos porque organizam e estruturam nossa experiência. Vejamos como alguns desses modelos atuam na estruturação e compreensão de alguns conceitos através de sua manifestação na estrutura linguística:

● CONTAINER

Conceito: FAMÍLIA

Exemplos: "Estou satisfeito por entrares em nossa família"

"É uma família fechada - não são sociáveis"

"Era uma boa nora. Que lástima ter saído da família!"

Comentários: Fica evidente, pelas expressões soblinhadas, que o conceito é estruturado pelo esquema CONTAINER, na medida em que os verbos e os adjetivos utilizados em sua gramaticalização remetem a idéia de um RECIPIENTE, com um INTERIOR e um EXTERIOR.

● PARTE-TODO e CENTRO-PERIFERIA

Conceito: SOCIEDADE

Exemplos: "Não há como atingirmos todos os segmentos da sociedade"

"Cada setor da sociedade deve fazer a sua parte"

"A sociedade como um todo é responsável!"

"Não queremos ficar à margem da sociedade"

Comentários: Um mesmo conceito pode ser estruturado por diferentes esquemas. Neste caso, o esquema PARTE-TODO, relativo às três primeiras sentenças, é mais produtivo que o esquema CENTRO-PERIFERIA.

● LIGAÇÃO

Conceito: AMOR

Exemplos: "Estou amarrado nela"

"Ama-me muito, tal é o seu apego"

"Não consigo desligar-me dele"

Comentários: AMOR parece estruturar-se como VÍNCULO ou LIGAÇÃO. Naturalmente, há uma série de metáforas que participam de tal estruturação, tendo como fonte esse esquema de imagens.

● ORIGEM-PERCURSO-META

Conceito: VIDA

Exemplos: "Ele vive sem rumo, não chegará a lugar nenhum"

"Viver é ter metas, seguir em frente"

"Deixou de viver, parou no meio do caminho, desistiu"

Comentários: Aqui se observa a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM que parte do domínio do esquema de imagens ORIGEM-PERCURSO-META.

● PARA CIMA-PARA BAIXO

Conceito: TRISTEZA

Exemplos: "Estou prá baixo, preciso alegrar-me"

"Cada vez que a tristeza chega, sinto-me enterrar"

"Tô na maior fossa"

Comentários: O recurso à metáfora é evidente, mas encontra-se-lhe subjacente o recurso ao esquema PARA CIMA-PARA BAIXO. TRISTEZA (PARA BAIXO) e ALEGRIA (PARA CIMA) constituem um par antonímico.

Modelos cognitivos proposicionais

Este é o modelo cognitivo cujo tratamento o autor mais negligencia, tanto na descrição quanto na exemplificação. Lakoff apresenta dois aspectos de sua caracterização:⁸

(a) "eles contêm entidades com suas propriedades e relações que se estabelecem entre elas" (p.285);

(b) "não usam mecanismos imaginativos, i. é, metáfora, metonímia ou imagens mentais" (p. 285).⁹

O autor destaca alguns tipos de modelos proposicionais, como a proposição simples, o cenário, o feixe de traços, a taxionomia e a categoria radial. Todos eles de algum modo nos auxiliam, segundo afirma Lakoff, a estruturar a realidade de uma determinada maneira. Assim, se entendemos algo a partir de uma relação entre um argumento e um predicado, assim como a partir de relações semânticas entre argumentos (AGENTE, PA-CIENTE, INSTRUMENTOS, etc.), fazemo-lo através de uma proposição simples. Se construímos um domínio em que pessoas, coisas, propriedades e mesmo proposições articulam-se num formato preferencialmente temporal, estamos fazendo uso de um modelo do tipo cenário. Quando arrolamos propriedades, a fim de caracterizarmos determinado segmento da realidade, fazemo-lo através de uma estrutura de feixe de traços. Há, ainda, a possibilidade de construirmos uma hierarquia de categorias, impondo uma estrutura global a um determinado domínio da realidade, é o caso do modelo taionômico. Finalmente, se determinadas categorias são construídas de tal modo que uma subcategoria é vista convencionalmente como o caso mais central e as demais subcategorias estão ligadas ao centro através de princípios de extensão que caracterizam as ligações possíveis entre as subcategorias mais centrais e menos centrais, estamos construindo uma estrutura proposicional radial.

⁸ Lakoff justifica-se, sobre isto, afirmando: "Estou ilustrando a idéia de um modelo cognitivo, antes que fazendo quaisquer afirmações sérias sobre como é que nossos modelos cognitivos são em detalhes" (p. 284)

⁹ Esta é uma das afirmações mais obscuras da exposição de Lakoff, já que modelos que se fundamentam em metáforas ou metonímias podem ter formato proposicional, assim como as estruturas radiais podem utilizar princípios de extensão na base de metáfora e metonímia. Se os esquemas de imagens fundamentam outras imagens mentais, de acordo com a nota (4) acima, como interpretar essa afirmação do autor?

Cada um dos modelos proposicionais tem uma ontologia (definida gestalticamente) e uma estrutura (definida em termos de esquema de imagens). A anatomia dos modelos proposicionais pode ser sintetizada nos termos do quadro abaixo, tomando-se por base os dados das colunas da direita:

Modelos Proposicionais	Ontologia	Estrutura	
Proposição Simples	7,8	I	1. Propriedades 2. Relações 3. Categoria
Cenário	1, 2,4, 5, 6	I, II, III	4. Pessoa 5. Coisa
Feixe de Traços	1	IV	6. Proposições 7. Argumento
Taxionomia	3	I, IV, V	8. Predicados
Categoria Radial	3	VI	

Quadro 2 - Modelos Cognitivos Proposicionais - Ontologia e Estrutura

Analisaremos, aqui, um exemplo de categoria radial, o estudo que motivou o título da obra-síntese da proposta de semântica de Lakoff, "Women, Fire, and Dangerous Things".

Lakoff ilustra a radialidade das categorias com um estudo realizado por DIXON sobre o sistema de classificação dos nomes em Dyrbal, uma língua aborígine da Austrália¹⁰. O Dyrbal utiliza quatro classificadores para os nomes: 'Bayi', 'Balan', 'Balam', e 'Bala', 'Bayi' classifica machos humanos e animais; 'Balan', fêmeas humanas, água, fogo, combate; 'Balam', alimentação não carnívora; e 'Bala', tudo o que não estiver nas outras classes. Cada um desses classificadores, com exceção de 'Bala', opera num sistema de radialidade. Analisemos, em demonstração, a categoria 'balan'. Dois princípios são necessários para organizar esse subsistema de classificação do Dyrbal, a saber:

- (1) PRINCÍPIO DO DOMÍNIO DA EXPERIÊNCIA: "Se há um domínio básico da experiência associado com A, então é natural que entidades nesse domínio estejam na mesma categoria que A" (LAKOFF, 1987: 93).
- (2) PRINCÍPIO DO MITO-E-CRENÇA: "Se algum nome tem uma característica X (baseada em que sua pertença à classe espera-se seja decidida), mas é, através de crença e mito, relacionado com a característica Y, então, geralmente, ele pertencerá à X" (idem, p. 94).

Para começar, os nativos acreditam que a lua e o sol sejam, respectivamente, marido e mulher. Assim, para Lakoff (mas não necessariamente para Dixon ou mesmo para os nativos), através do Princípio (2) mulher (M) liga-se a sol (S). Sol, pelo Princípio (1), relaciona-se com fogo (F). Fogo é

¹⁰ Lakoff refere-se à obra de DIXON (1982), "Where Have All the Adjectives Gone?"

perigoso e, assim, coisas perigosas (P), como combate, estão na mesma categoria que fogo pelo Princípio (1). Pelo mesmo Princípio (1), a água (A), que extingue o fogo, pertence à categoria, com os demais elementos. A categoria teria, então, o seguinte formato radial.

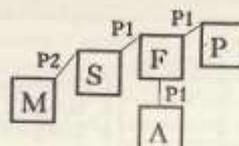


Figura 1 - Mulheres, Fogo e Coisas Perigosas

Ao tratarmos dos modelos metonímicos e metafóricos teremos a oportunidade de apresentar exemplos de cenários e de novas estruturas radiais.

Modelos cognitivos metonímicos

Conforme LAKOFF:

"A metonímia é uma das características básicas da cognição. É extremamente comum as pessoas tomarem um aspecto bem entendido ou fácil de perceber de alguma coisa e usá-lo para ficar pela coisa como um todo, por algum outro aspecto ou parte dela" (p. 77).

As características que o autor aponta como definidoras de um modelo metonímico são:

- (1) Há um conceito A a ser compreendido para algum propósito, em algum contexto.
- (2) Há uma estrutura conceitual contendo tanto A como um outro conceito B.
- (3) B ou é parte de A ou está intimamente associado com ele nesta estrutura conceitual. A escolha de B tipicamente determinará A nesta estrutura conceitual.
- (4) Comparado com A, B é ou mais fácil de compreender, ou mais fácil de lembrar, ou mais fácil de se reconhecer, ou mais imediatamente utilizável para a situação.
- (5) Um modelo metonímico é um modelo de como A e B estão relacionados na estrutura conceitual, sendo a relação especificada por uma função de B para A.

Vejamos alguns tipos de modelos metonímicos discriminados através de exemplos:

Modelo metonímico	Exemplos
1. Estereótipos Sociais	O político estereotípico é conivente, egoísta, desonesto, corrupto.
2. Exemplos Típicos	A maçã e a laranja são frutas típicas.
3. Ideais	O marido ideal é provedor, fiel, forte, respeitado e atraente.
4. Padrões	Os paradigmas científicos são utilizados para compreender e aplicar experimentos e condutas metodológicas.
5. Geradores	Os números naturais de 0 a 9 geram os demais a partir de regras aritméticas
6. Submodelos	Os números fatores de 10 são tomados para compreender a grandeza relativa dos números.
7. Exemplos Salientes	A ocorrência de um acidente recente com um avião X pode ser utilizada para julgar a eficiência técnica da companhia a qual X pertencia.

Quadro 3 - Exemplos de Modelos metonímicos

Os Modelos Cognitivos metonímicos, pelo que se pode depreender das afirmações de Lakoff, podem estar estruturados sob a forma de modelos proposicionais de algum tipo ou mesmo através de imagens convencionais ricas.

Vejamos, agora, um exemplo em que se aplica a idéia de modelo metonímico estereotípico, assim como de estrutura radial. Lakoff analisa o conceito MÃE. Segundo ele, MÃE tem uma estrutura em cachos de modelos cognitivos - "um número de modelos cognitivos individuais combinam-se formando um modelo em cachos" (p. 74), a saber:

1. MODELO DE NASCIMENTO: A pessoa que dá à luz é a mãe.
2. MODELO GENÉTICO: A fêmea que contribui com o material genético é a mãe.
3. MODELO DE CRIAÇÃO: A fêmea adulta que nutre e educa a criança é a mãe.
4. MODELO MARITAL: A esposa do pai é a mãe.
5. MODELO GENEALÓGICO: O ancestral fêmea mais próximo é a mãe.

Para o autor, a mãe prototípica poderia ser a mãe definida pela convergência de todos os modelos - a que fornece os gens, gesta, pare, cria em tempo integral a criança, é uma geração mais velha que a criança e é sua guardiã legal - constituindo o caso mais central. Há a possibilidade de o protótipo ser um estereótipo do tipo MÃE-DONA-DE-CASA, definido metonimicamente a partir do modelo de criação - a melhor mãe é a que fica em casa para criar seus filhos (neste caso a mãe estereotípica confunde-se

com a mãe ideal). É isso que revela o teste-do-mas, de acordo com LAKOFF (1987: 81):¹¹

NORMAL: Ela é mãe, mas não é uma dona-de-casa.

ESTRANHA: Ela é mãe, mas ela é uma dona-de-casa.

A radialidade do conceito MÃE pode ser demonstrada pelo diagrama abaixo:

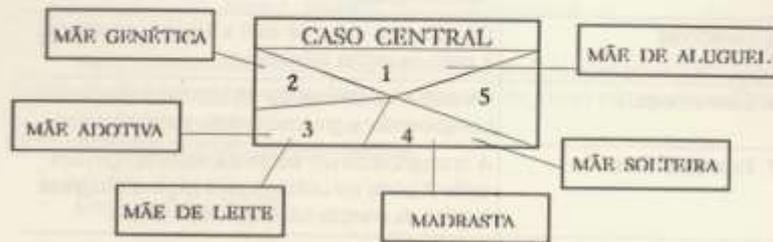


Figura 2 - A Radialidade do Conceito MÃE

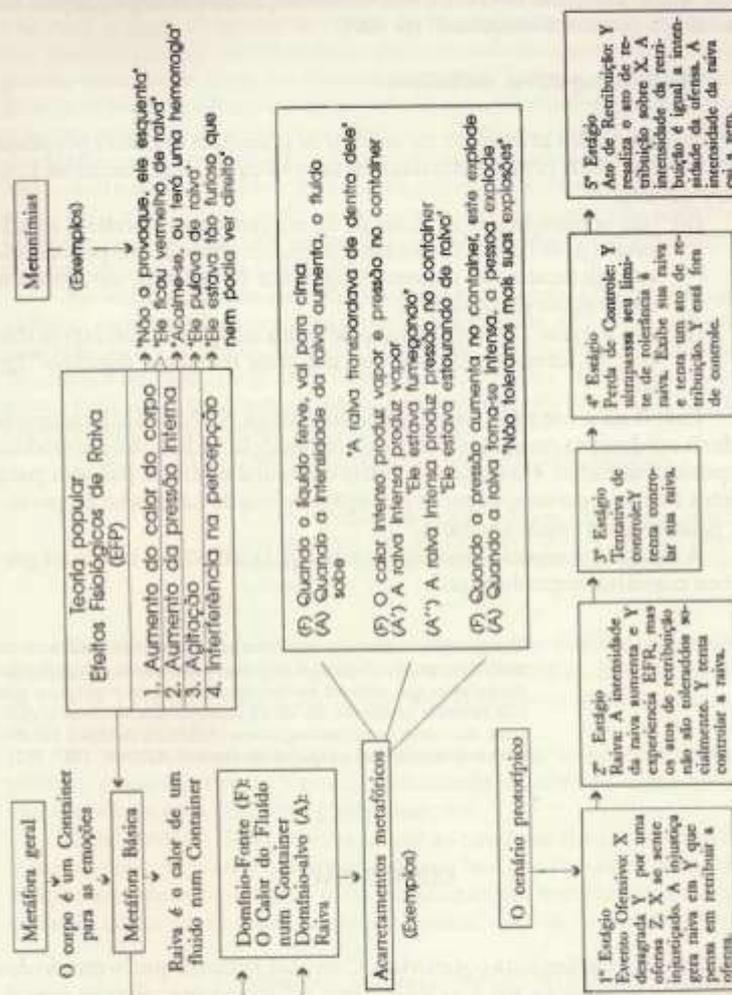
Modelos Cognitivos Metafóricos

Podemos, em nossos próprios termos, caracterizar os modelos metafóricos como segue:

- (1) Há um domínio conceitual **A** bem estruturado (diretamente significativo) que chamamos de Domínio-Fonte.
- (2) Há um domínio conceitual **B** que carece de estruturação para efeitos de sua compreensão - que chamamos de Domínio-Alvo.
- (3) Há um mapeamento que liga o domínio - fonte ao domínio-alvo - que chamamos de Projeção Metafórica.
- (4) A projeção metafórica de **A** para **B** é motivada naturalmente por uma correlação estrutural regular que associa **A** a **B**.
- (5) Os detalhes do mapeamento entre **A** e **B** são motivados pelos detalhes da correlação estrutural entre **A** e **B**.
- (6) Um modelo metafórico é um modelo em que **A** e **B** estão relacionados numa estrutura conceitual, sendo a relação especificada de **A** para **B**.

¹¹ O princípio básico do teste-do-mas ("but-test") é que a conjunção adversativa "é utilizada para marcar uma situação que está em contraste com algum modelo que serve como norma" (LAKOFF, 1987: 81).

Lakoff fornece-nos o rico exemplo do conceito RAIVA que é estruturado metonímica e metaforicamente. De sua análise, extraímos o esquema seguinte:¹²



Lakoff afirma que a análise mostra a estruturação das expressões que indicam RAIVA "em termos de um modelo cognitivo elaborado que está implícito na semântica da língua" (p. 407). As metáforas e metonímias utilizadas são motivadas pela fisiologia, pela experiência corporal humana. Diz, ainda, que a análise de RAIVA é uma confirmação da teoria prototípica no domínio da estrutura conceitual" (p. 409).

Modelos cognitivos simbólicos

Estes modelos se baseiam no modelo de gramática cognitiva proposto por LANGACKER (1986) e têm duas características básicas, conforme LAKOFF (1987):

- (a) "são conjunções de modelos de forma com outros modelos cognitivos" (p. 467), isto é, não são puramente conceituais, pois envolvem elementos de natureza lingüística (morfemas, categorias e construções gramaticais).
- (b) visa a tratar "da compreensão de todos os tipos de correspondências de forma-significado que têm uma realidade cognitiva" (p. 467).

Lakoff dá o exemplo da categoria lingüística NOME. Esta categoria poderia ser descrita com a intervenção de um modelo simbólico e um modelo proposicional radial. No centro da estrutura radial estariam palavras para objetos físicos concretos, como os exemplos típicos da categoria; na periferia, palavras para coisas abstratas.¹³

A defesa dos modelos simbólicos está ligada a hipótese básica da gramática cognitiva, segundo a qual:

"As gramáticas não são 'módulos' separados independentes do resto da cognição. A razão é que elas fazem uso da categorização prototípica, que aparece em outros aspectos da cognição e que elas também fazem uso de vários aspectos dos sistemas conceituais, tais como: modelos cognitivos (incluindo modelos metafóricos e metonímicos) e espaços mentais" (LAKOFF, 1987: 582).

CONCLUSÃO

Lakoff é um lingüista cognitivista. Como tal, sustenta que "o estudo dos fenômenos lingüísticos nos leva a hipóteses relativas à organização conceitual" (1987: 334). Nesse sentido, a proposta de Semântica lakoffiana de ime-

¹³ Não nos estenderemos na análise dos modelos cognitivos simbólicos porque as exemplificações dadas pelo autor são poucas, e o Estudo de Caso 3 do Livro II de WF&DT, relativo às construções com 'there' em inglês, reportam a algumas especificidades da estrutura da língua inglesa que, infelizmente, não podem ser tratadas nos limites deste artigo.

diato deve ser situada com relação ao atual debate entre as tendências lógico-formais e cognitivas no âmbito da Lingüística. Situada, pois, num contexto de complexas relações inter e multidisciplinares onde se desenvolvem vigorosos debates epistemológico-metodológicos, a Semântica Cognitiva Prototípica de Lakoff, fundamentada na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, não pode manter-se apenas às custas de teses revolucionárias e atraentes. Seu aparato descritivo-explanatório deve ser suficientemente consistente e preciso para que se torne, no mínimo, discutível. Todavia, o próprio caráter do experiencialismo força o projeto Lakoffiano a conduzir-se através de uma rede tentacular de relações com diferentes domínios - tais como: a filosofia da mente, a antropologia cognitiva, a psicologia, a sociologia, a biologia, a lógica, entre outros-problematizando-se, assim, a questão metodológica. Por outro lado, esse projeto pode ser visto como um representante prototípico do que se pode produzir em um período de ciência extraordinária como este por que está passando a Lingüística.

Ao longo de nossa apresentação, fizemos breves observações sobre algumas características problemáticas da abordagem de Lakoff, sobretudo com relação à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, apresentada em "Women, Fire, and Dangerous Things" (1987). Agora, deter-nos-emos um pouco mais sobre os aspectos frágeis dessa proposta de Semântica com base em algumas críticas que lhe têm sido dirigidas.

LANGACKER (1988), analisando a referida obra, afirma:

"Críticos notarão seus erros mecânicos, deficiências estilísticas e tom polêmico, observarão a vaguidade de algumas propostas centrais e o caráter programático das teorias não objetivistas de L. [Lakoff]" (p. 394).

De fato, Lakoff é excessivamente vago, se não descuidadamente superficial, ao caracterizar a natureza e estrutura dos MCIs, elementos-chaves da Teoria. Essa superficialidade atinge, sobretudo, a caracterização dos modelos proposicionais.

De acordo com Langacker, o mais importante, do ponto de vista lingüístico, é que a proposta é pouco formalizada e o sistema como um todo não conta com uma descrição global coerente.

GODDARD (1989), reportando-se ao estudo de Kövecses sobre RAIVA e outros conceitos, é enfático quanto ao fato de as análises falharem no aspecto metodológico central- o "da metalinguagem a ser utilizada na representação da estrutura semântica ou conceitual" (p. 91). Conforme afirma:

"o estudo de Kövecses é empírica e metodologicamente fraco, e a despeito da magnitude de suas afirmações, de pouca profundidade teórica" (p. 97).

É inevitável ter-se que concordar que o aparato descritivo oferecido para a análise dos conceitos, ao pecar pela vaguidade e pela ausência de uma metalinguagem adequada que evite a circularidade, torna-se teoricamente frágil. No nosso entendimento, entretanto, o aparato descritivo apresenta

uma outra deficiência. As análises parecem sugerir um procedimento "ad hoc" que relativiza para além do tolerável as análises semântico-conceituais.

A proposta ao nível de suas teses é atraente e prometedora, mas encontra-se num estágio que qualificamos de embrionário ou mesmo "experimental". A prática de análises de conceitos pode levar à construção de uma metalinguagem que se ajuste às ambições descritivas da proposta, fazendo-a ganhar profundidade e clareza explanatória, vindo a constituir um modelo ao mesmo tempo rico, consistente e rigoroso.

Particularmente, acreditamos na inevitabilidade de um projeto interdisciplinar para a Semântica, e, nesse sentido, a alternativa de Lakoff e, no mínimo, mais um caminho a ser humildemente percorrido. Como o próprio LANGACKER (1988) afirma:

"WF&DT é um marco da emergência de uma linguística cognitiva e um importante degrau para seu futuro desenvolvimento. Este é um importante trabalho que não pode ser ignorado" (p. 394).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERLIN, B. & KAY, P. *Basic color terms: their universality and evolution*. Berkeley: University of California Press, 1969.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1985.
- FILLMORE, Charles. *Towards a descriptive framework for spacial deixis*. In: JARVELLA, R. J. & KLEIN, W. (Eds.). *Speech, place, and action*. London: John Wiley, 1982. p. 31-59.
- JOHNSON, Mark. *Review - Psychosemantics*. *Language*, v. 64, n. 4, dec. 1988, p. 781-785.
- LAKOFF, George. *Linguistics gestalts. Papers from the Thirteenth Regional Meeting Chicago Linguistics Society*. Chicago Linguistics Society, v. 13, 1977, p. 236-287.
- . *Experiential factors in linguistics*. In: SIMON, T. & SCHOLES, R. (Eds.). *Language, mind, and brain*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1982. p. 145-57.
- . *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. V. 1 *Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- . *Review - Lakoff: Women, fire, and dangerous things*. *Language*, v. 64, n. 2, jun. 1988, p. 384-395.
- MERVIS, C. & ROSCH, E. *Categorization on natural objects*. *Annual Review on Psychology*, 32, p. 89-115.
- NUNBERG, G. *The pragmatics of reference*. Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club, 1978.
- PUTNAM, Hilary. *Reason, truth, and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

ROSCH, Eleanor. *On the internal structure of perceptual and semantic categories*. In: MORE, T. E. *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York, Academic Press, 1973. p. 111-144.

--. *Cognitive representations of semantic categories*. *Journal of Experimental Psychology: General*, 104, 1975, p. 192-233.

ROSCH, E. & MERVIS, C. B. *Family Resemblances: studies in the internal structures of categories*. *Cognitive Psychology*, 7, p. 573-605, n. 4, 1975.

ROSCH ET ALII. *Basic objects in natural categories*. *Cognitive Psychology*, 8, p. 382-439, 1976.

GODDARD, Cliff. *Review-Kövecses: Metaphors of anger, pride and love. A lexical approach to the structure of concepts*. *Lingua*, v. 77, n. 1 p. 90-98, jan. 1989.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Abril S. A. (Coleção "Os Pensadores"), 1979.